



A fazenda em números



Fazenda Santa Lúcia
localização: Aporé, GO
Área total: 4.200 ha
Área de pasto: 2.140 ha
Área de cana: 390 ha
Atividade: recria
Rebanho: 5.522 cabeças
Carga animal: 1,73
UA/ha/ano
Produção de carne: 464
kg/ha/ano

Com sistema Voisin, maior lotação e produção de carne.

Em oito anos, a Fazenda Santa Lúcia triplica carga animal, de 0,65 UA/ha para 1,73 UA/ha.

■ FERNANDO YASSU

Sem aplicar nenhum quilo de fertilizante químico, César Rivetti pretende aumentar a carga animal na fazenda da família, a Santa Lúcia, em Aporé, GO, na divisa com o Mato Grosso do Sul. A carga atual, de 780 kg de peso vivo por ano, equivale a quase duas unidades animais por hectare, uma média considerada boa. Com a extensão do Sistema Voisin a todos os 2.140 ha de pastos da fazenda – dos quais 1.600 ha já são manejados pelo sistema – ele pretende elevar a média atual, em pouco tempo, para 1.075 kg, ou 2,4 UA/hectare.

Os indicadores de desempenho da Santa Lúcia justificam a pretensão: a produção de carne por hectare, originária de sistema de recria-engorda, que há dez anos limitava-se a 141 kg, atualmente só com recria atinge 464 quilos.

César não se opõe à adubação química, mas antes de recorrer a ela prefere explorar ao máximo o potencial de produção dos pastos apenas mediante mudanças no manejo. “Depois de ter explorado todo o potencial, irei pensar em adubação”. E acrescenta: “Como pecuarista, sou pragmático e não tenho preferência. A melhor tecnologia é a que traz a melhor rentabilidade para a empresa”. Baseado nos resultados que obteve nos úl-

timos oito anos, César afirma que a melhor tecnologia é o Sistema Voisin, que começou a implantar em 2002. Então, as pastagens da fazenda suportavam 2.500 cabeças em 3.000 ha, carga média de 292,5 kg vivo/ha/ano (0,65 Unidade Animal por ha) e outros 1.000 bovinos do plantel de seleção (Brangus) em outros 530 hectares. Depois de ter implantado o Voisin em 1.600 ha, a carga animal quase triplicou, elevando-se de 0,65 UA/ha/ano em 2002 para 1,73 em 2009. O aumento da capacidade de suporte permitiu aos proprietários vender para uma destilaria de álcool 1.000 ha de pastos formados e converter outros 390 ha para o plantio de cana.

Mesmo tendo deixado de utilizar 1.390 ha de pastos nesses oito anos, a Fazenda Santa Lúcia recriou, na safra 2009/2010, encerrada em abril, 5.522 cabeças em 2.140 ha, mais do que o dobro de animais recriados em 2002, e ainda realizou uma recria de oportunidade de 500 bois magros, apenas para aproveitar as sobras de forrageiras.

A melhoria na produtividade fez a empresa adiar a abertura de 480 ha de área mata que, por lei, pode explorar, conta César, lembrando que a fazenda mantém reserva legal de 20% da área total, conforme exige a lei ambiental, e mantém intacta as áreas de preservação permanente, que ocupam 300 ha, ou 7,14% do total de 4.200 hectares. “Temos ainda 38,57% da área coberta como mata nativa”, informa.

TRÊS FASES – Comprada em 1967 pelo pai de César, o empresário Cláudio Rivetti, a Fazenda Santa Lúcia passou por três fases, nos



FOTOS: FERNANDO YASSU



César Rivetti (à esq.), com o engenheiro agrônomo André Sório e o gerente Lucialdo Oliveira da Silva.

43 anos em que está nas mãos da família. De 1967 a 1993, a qualidade da exploração pecuária da fazenda não se diferenciava das congêneres da região. Realizava ciclo completo, não adubava os pastos e manejava o gado em sistema fixo.

Insatisfeito com a baixa produtividade e com a queda contínua da rentabilidade, César convocou em 1993 uma reunião de família – pai, a mãe e os três irmãos – na qual se decidiu dar carta branca a ele para realizar as mudanças e os investimentos que considerasse necessários.

O principal problema – que estava na origem da baixa produtividade – era o estado avançado de degradação das pastagens. “A fazenda localiza-se numa região de solo arenoso com máximo de 12% de argila. Nós nunca tínhamos aplicado calcário e adubo químico desde que a área foi aberta nos anos 60 e 70”, conta César.

Os investimentos seriam feitos na implantação da agricultura, com vistas a reduzir os custos na reforma dos pastos, que, na época, ocupavam 3.530 ha do total de 5.200 hectares. O dispêndio de maior vulto correspondia à compra de máquinas para a lavoura. No primeiro ano, César tombou 400 ha de pastos degradados e plantou soja. A seguir, passou a converter uma média de 200 ha por ano em lavouras. De 1993 a 1999, reformou 1.600 hectares.

Com a recuperação da fertilidade do solo e a reforma dos pastos, César passou a integrar as atividades, plantando milho após colheita da soja. O milho era usado na seca como pasto de inverno para a recria de bezerros da fazenda, que, na época, fazia ciclo completo.

Com o Voisin, a lotação saltou de 292 kg/ha/ano para 780.

O principal problema – que estava na origem da baixa produtividade – era o estado avançado de degradação das pastagens.

Mas, com a saída do gerente agrícola da fazenda, o produtor deixou a agricultura. “Como não entendia de lavoura, desisti de plantar grãos”. Sem a renda da lavoura, a empresa passou a depender unicamente da pecuária de corte comercial (produção anual era de 1.000 animais de engorda) e da venda de tourinhos selecionados da raça Brangus.

VOISIN EM PALESTRA – Sem a agricultura para custear a sua reforma, as pastagens voltaram a degradar-se. Foi em uma palestra so-

bre pastejo Voisin, em 2002, em Campo Grande, MS, que César vislumbrou a saída para deter a sua degradação e melhorar a produtividade. De início, ele e o administrador da fazenda Lucialdo Oliveira da Silva decidiram implantar o pastejo Voisin por conta própria, sem consultar um técnico. Erraram. O primeiro erro: piquetes desuniformes. O segundo erro: a mudança do gado dos pastos obedecia à sequência dos piquetes e não à altura do capim de cada talhão.

Essa combinação de erros foi desastrosa. “Ou o pasto ficava rapado ou sobrava capim. Nenhuma das duas situações era a ideal. No primeiro caso, o gado passava fome; no segundo, havia desperdício de comida”, observa César. Ele não desistiu e optou por contratar um especialista, o engenheiro agrônomo André Sorio, da Sorio Assessoria Empresarial Rural, de Campo Grande, MS, autor da palestra que ouvira em 2002.

Na implantação dos primeiros 600 ha de pastejo Voisin, Sorio, para poupar investi-

Recria é prestação de serviço para usina paulista

Em busca de maior rentabilidade, a Fazenda Santa Lúcia deixou de engordar gado próprio. Tornou-se prestadora de serviço pecuário para a Usina Nardini, que tem um confinamento em Vista Alegre do Alto, SP. “Graças à nova atividade, melhoramos a nossa taxa de retorno”, diz César Rivetti.

A principal vantagem do negócio é que dispensa imobilização de capital para formar o rebanho. Se trabalhasse com gado próprio, César teria que ter imobilizado, nesta safra, R\$ 3,7 milhões na compra dos 5.522 bezerros recém-desmamados.

A Nardini, de sua parte, compromete-se a entregar a partir de abril os bezerros para a recria na fazenda. Para evitar a engorda de

animais ruins, César monitora a sua compra. A quantidade é calculada de acordo com a estimativa da capacidade de suporte dos 2.140 ha de pastos nos 12 meses do ano. Até o início da entressafra, a Fazenda Santa Lúcia compromete-se a entregar para o confinador os garrotes com pelo menos 12 arrobas, ou 360 kg de peso vivo.

A Usina Nardini fornece todos os insumos para o gado – vacinas, vermífugos, sal proteico e energético e outros medicamentos, enquanto a Fazenda Santa Lúcia se encarrega do manejo sanitário (aplicação de vacinas e antiparasitários, como vermífugos e carrapaticida) e nutrição (fornecimento das misturas múltiplas nos cochos) e do manejo do gado no pasto.





Leguminosa Campo Grande consorciada com capim



Palhada melhora teor de matéria orgânica no solo



Voisin favorece aparecimento do besouro rola-bosta nos pastos

mentos, aproveitou o arame, as estacas, os isoladores e os eletrificadores do projeto inicial. “Fizemos um redesenho da disposição dos piquetes e dos corredores”, explica. Cada pasto de 80 ha a 100 ha foi transformado em um módulo de pastejo, com 24 a 26 piquetes cada.

Além de subdividir os piquetes, Sorio capacitou os seis funcionários da fazenda, incluindo o administrador, no manejo da pastagem. “É fundamental que o peão saiba observar o pasto e identificar os piquetes em condição de receber o gado. Ele também precisa saber a hora em que o gado tem de ser retirado do piquete”, explica.

Ao obedecer à sequência dos piquetes, como se fazia anteriormente, não se obtém o resultado esperado. Sorio explica o motivo: “Muitas vezes, passam-se vários dias sem chover. Outras vezes, há chuvas abundantes. O pasto que sofreu restrição hídrica vai demorar mais tempo para se recuperar, e muitas vezes, quando o lote completa o giro dos módulos de pastejo e volta ao ponto inicial, o piquete não está em condições de recebê-lo. Pode também ocorrer o contrário: chover bem, e o piquete ficar apto ao pastejo antes dos 24 a 26 dias em que dura o giro do gado em cada módulo”, explica.

O período de giro também varia com a estação do ano. É mais curto no período das águas e mais longo no inverno. Nas águas, o gado normalmente permanece um dia em cada piquete. No período seco, pode per-

manecer por três dias. “O gado não pode ficar quatro dias, pois no quarto acaba comendo o broto, o que prejudica o crescimento do capim”, explica.

RECRIA COMO SOLUÇÃO – Para evitar superpastejo ou sobra de capim, a Fazenda Santa Lúcia dedica-se somente à atividade de recria. O ajuste de lotação é feito no final da safra, após a retirada dos animais mais pesados e a chegada dos mais leves. Neste ano, saíram no final de abril 5.522 garrotes, com peso médio de 360 kg, e começaram a chegar os bezerros com peso médio entre 180 kg e 210 kg. Ou seja, saíram 4.417 (1,98 milhão de kg vivo) e chegaram 2.392 Unidades animais (1,076 milhão de kg vivo).

Do final de abril ao final de setembro, os bezerros recebem sal proteinado e ganham, em média, 300-350 gramas por dia, 54-63 kg em 180 dias. Do final de setembro ao final de abril, quando são levados para o confinamento, ganharam em média 600-700 gramas por dia, ou 108-126 kg no período de 180 dias.

Além de reduzir a carga animal em 45%, a Fazenda Santa Lúcia veda pastos no final de janeiro, para a produção de feno em pé no inverno. Por causa das chuvas, nesta safra, mesmo tendo vedado parte dos pastos, ainda sobrou forrageira. Foi para aproveitar essa sobra que César engordou mais 500 bois magros.

TERRAÇOS E CALCÁRIO – De acordo com André Sorio, os pastos da Fazenda Santa Lúcia estão sendo preparados para a segunda etapa do pastejo Voisin, que prevê a aplicação de fertilizante químico. Até agora, César havia feito a correção da acidez do solo e a neutralização do alumínio tóxico, com a aplicação de calcário e gesso. “Construímos a base para um novo salto na produtividade”, diz o engenheiro agrônomo.

Nos pastos de braquiárias decumbens, foram aplicados em média uma tonelada de calcário e uma tonelada de gesso por hectare. O custo atingiu R\$ 200/ha, em valores atualizados. Nos pastos de mombaça, que apresentam maior potencial de produção, o produtor aplicou uma tonelada de calcário e 300 kg de fosfato natural. O custo ficou em R\$ 300/ha, em valores corrigidos.

Além de tais medidas, Sorio recomendou a construção de terraços, a um custo de R\$ 120 por km linear. “O terracamento do pasto impede a erosão, evitando a perda de nutrientes do solo”, diz. Nos terraços, é plantada a leguminosa estilosa Campo Grande, que, segundo Sorio, tem grande capacidade de fixar nitrogênio no solo.

Mesmo não aplicando fertilizantes químicos, César gastou R\$ 535 mil para aplicar calcário, gesso e fosfato natural nos 2.140 ha de pastos. Na subdivisão dos 24 módulos de pastejo, foram construídos 242 km de cerca, ao custo de R\$ 363 mil, enquanto a instalação de 30 bebedouros custou R\$ 135 mil. ■